

SADE E OS LIMITES DO CORPO

Jean-Christophe Abramovici¹

Resumo: O erotismo violento de Sade confunde em todo leitor os contornos do desejável. Ele participa também de um imaginário no qual os corpos são eles mesmos perturbados. As carnificinas de Sade não participam simplesmente da defesa de um monismo materialista no qual a ideia de alma ou de espiritualidade se encontra apagada: a destruição conduz à criação de outros corpos, explora novos limites.

Palavras-chave: limites do corpo – alma – monismo – materialismo.

A questão dos limites do corpo sadiano trata, ao mesmo tempo, da poética ou do imaginário do escritor – minuciosamente analisados por Marcel Hénaff no seu sempre estimulante *Invenção do corpo libertino* (1978) – e da história das representações do corpo no Ocidente, que o marquês de Sade, como o grande leitor que é, conhece bem e dela escarnece. Que o leitor nos permita assinalar alguns marcos muito esquemáticos e escolhidos um pouco arbitrariamente nessa longa história. O corpo é, para a Idade Moderna, uma terra de conquista², uma fonte inesgotável de experimentações. Abre-se, dissecar-se, desenha-se, cartografa-se; não há um único limite do corpo que não seja localizado, nomeado, medido. A descoberta da microscopia relança mais do que desencoraja o apetite dos topógrafos do corpo, a despeito de um Pascal, que no seu célebre fragmento “Desproporção do homem” (Brunschvicg 72, Le Guern 185) condena ferozmente a “presunção” daqueles que se lançam “temerariamente à pesquisa da natureza”.³ Do lado dos defensores da alma, precisamente, não se hesita em colocar em questão a realidade tangível das fronteiras do corpo. Nos seis discursos de seu *Discernimento do corpo e da alma* (1679), Géraud de Cordemoy radicaliza e aclara as *Meditações* cartesianas. Retomando o exemplo do sonho, ele chega a questionar a ideia de limite corporal:

¹ Professor de literatura do século XVIII da Universidade Paris-Sorbonne. E-mail: jean-christophe.abramovici@paris-sorbonne.fr.

² Bom representante desse entusiasmo ingênuo diante do corpo desconhecido, o médico Louis Barlès publica em Lyon (Editora Esprit Vitalis), de 1673 a 1675, três volumes de *Novas Descobertas, consagradas sucessivamente a todas as partes principais confinadas na capacidade do baixo-ventre, aos órgãos das mulheres que servem à geração, enfim aos órgãos dos homens que servem à geração*.

³ Ver ABRAMOVICI, “Entre vision et fantasme: la réception des ‘curieux microscopes’ en France (1670-1800)”, p. 385 e seguintes.

Pois, enfim, por que me persuadir que tenho agora um corpo extenso de cinco pés?! Eu sonhei algumas vezes que possuía um composto de tantas partes que a extensão delas era de mais de cem pés e mesmo que ele tocava as nuvens. Quem me assegurará, digo, agora do pouco que me parece restar desse grande corpo? [...] Eu posso supor que não há corpo.⁴

Parece até que lemos um plágio por antecipação (de quase um século) das experiências oníricas da Mademoiselle de Lespinasse, no famoso *Sonho de d'Alembert*. As dúvidas do metafísico sobre a existência do corpo, seus raciocínios para estender a alma aos limites do espaço sensorial se reúnem às especulações materialistas sobre as ramificações do sistema nervoso: nos dois casos, os dados que “circunscrevem a extensão real ou imaginária do corpo”⁵ são interrogados.

Quando Sade, alguns anos depois do *Sonho de d'Alembert* (que ele jamais teve a oportunidade de ler), ataca por seu turno os limites do corpo, certamente não é para reedificar à alma alguma fortaleza, ainda que imaginária, mas, em nome do materialismo radical, abalar esse novo totem identitário do imaginário burguês. Dissertar contra o dogma da alma é um dos exercícios retóricos favoritos do libertino sadiano. No início da *História de Juliette*, a iniciadora Delbène inverte as especulações de um Cordemoy: “Não vejo a minha alma, [...] conheço e sinto apenas o meu corpo; [...] é o corpo que sente, que pensa, que julga, que sofre, que goza, e [...] todas as suas faculdades são resultados necessários de seu mecanismo e de sua organização” (III, 217-218⁶).

Sentio ergo sum, somente meu corpo me sugere que eu existo. Além disso, enquanto realidade finita, ele é incompatível com a ideia de ilimitado vinculada à pessoa de Deus, como demonstra longamente Bressac, na sua dissertação professada diante do corpo supliciado de Mme de Gernande: “Se dizemos que Deus, pela sua onipotência, comprimiu sua essência infinita para dar espaço a substâncias recentemente criadas, respondo que ele não é então mais infinito, porque, durante a compressão, o lado comprimido engendrou um limite” (II, 940).

O corpo é em si o *limite* contra o qual se contrapõe e se aniquila a ideia de Deus.

Mas esse corpo é, por isso mesmo, dotado ele próprio de *limites* claros e estáveis? A fé no “movimento perpétuo da matéria”, sustentada por todos os libertinos sadianos, sugere mais sua consubstancial fragilidade. Retomando cada palavra da *Carta de Thrasybule a Leucippe*, Delbène descreve a natureza como movimento e transformação: “não descubro nela nenhum limite, percebo somente uma passagem contínua de um estado a outro em relação aos seres particulares

4 CORDEMOY, *Le Discernement du corps et de l'âme en six discours*, p. 151.

5 DIDEROT, *Le Rêve de d'Alembert*, p. 113.

6 SADE, *Oeuvres*.

que tomam sucessivamente várias formas novas” (II, 217). O corpo não é senão um *estado* mais ou menos efêmero da matéria chamado a ser refundido e remodelado no seio da natureza. Mesmo efêmera, sua substância é *limite* e negação da onipotência de uma improvável divindade; porque efêmera, ela não limita, ao contrário, a de uma natureza que lhe é consubstancial.

Os libertinos, pretendendo-se adjuvantes de uma natureza que lhes parece antes de tudo potência de destruição, não cessam de querer rechaçar os limites de suas ações luxuriosas: “É apenas para além dos limites conhecidos que a devassa fixa o prazer; só é possível bem apreendê-lo ultrapassando os limites que os tolos pretendem que ela nos prescreve. Não há volúpia sem crime” (II, 919). A *devassa* designa, assim, essa natureza que incita⁷ e freia ao mesmo tempo o desejo libertino. Na impossibilidade de matar essa mãe superior que os inspira⁸, os libertinos atacam as mais fracas de suas criaturas, os corpos frágeis com os quais eles pretendem acelerar a inexorável metamorfose⁹ e, mais especificamente, o corpo feminino dotado de um poder genésico capaz de atenuar, se não de anular, o poder homicida dos libertinos. Sintomaticamente, o convite de Verneuil para ultrapassar os limites do crime acompanha os encorajamentos que ele professa a seu filho Victor para “vexar” bem suas “mãe e irmãs”: “Fustigue sua mãe, bata em suas irmãs, ele lhe diz; não as poupe, sobretudo não tema ultrajar a natureza” (II, 919).

Entre centenas de exemplos de tortura infligida a um corpo feminino, podemos evocar, algumas páginas mais adiante na *Nova Justine*, o suplício da Mme de Gernande, que seu “sangrador e mestre” executa até que sua esposa ofereça nada além da “mais dilacerante imagem da dor e da morte” (II, 935). Propõe-se diferentes maneiras de terminar com seu calvário, cujo narrador deixa dessa vez o relato a cargo do leitor (“Todos esses diferentes horrores se executam. Cinco monstros se encarniçam nessa infeliz”), antes de reportar a morte do personagem, com uma voz ironicamente patética: “e é assim que, após uma vida bem curta, terminada por onze horas dos mais atrozes suplícios, esse anjo celeste volta ao céu, de onde ele desceu tão somente para ornar por um momento a terra”. A paródia do romanesco *larmoyant* permite opor o caráter fixo e previsível das fórmulas, que recitam o velho romance da alma, com a variedade infinita das notações sensoriais, que dão conta da realidade de um corpo colocado “no meio da mesa”, como um simples alimento, próprio a incitar o apetite (de crimes) da trupe: “Como é delicioso deleitar-se assim com o crime que acabamos de comer!... vejam como ele é bom, o crime; é saboreando-o, é deleitando-se com seus efeitos... [...] e essa criatura,

⁷ “A destruição satisfaz melhor essa mãe universal, uma vez que ela visa a devolver-lhe um poder que ela perde pela propagação” (III, 1015).

⁸ Conhecemos as fantasias últimas de destruição de certos libertinos: “Ah! se eu pudesse incendiar o universo, eu maldiria ainda a natureza por ela ter oferecido apenas um mundo aos meus fogosos desejos!” (Clairwil na *História de Juliette*, III, 1048).

⁹ “Os corpos se transmutam... se metamorfoseiam; mas eles não ficam jamais no estado de inércia. Esse estado é absolutamente impossível à matéria, seja organizada ou não” (II, 946, nota do narrador).

tão sensível um instante atrás, não é agora mais do que uma massa informe que nossas paixões desorganizaram...” (II, 935-936). Para falar da importância da alma “cavaleira”, única capaz de frear as paixões, Racine fez Hippolyte ser arrastado por seus cavalos até não ser mais que um corpo “sem forma nem cor”; a “massa informe” de Mme de Gernande (des-)figura um corpo no qual as agressões dos libertinos apagaram todos os limites reconhecíveis, todos os traços humanos. Massa de carne sangrenta e túmida que serve, lembramos, de apoio à demonstração feita por Bressac das ilusões da alma.

Noutra cena de sacrifício feminino e inter-familiar do mesmo romance, o cirurgião Rodin opera uma verdadeira vivisseção em sua filha: “Marthe lhe dá um escalpelo e ele instrumentaliza [...]. O baixo-ventre se abre. Rodin, fodendo, talha, dilacera, destaca e deposita num prato, sob os olhos de seu colega, a matriz e o hímen, e tudo o que se segue [...] O feroz Rodin coloca seu caralho no ferimento, ele ama se inundar de sangue” (II, 566). Aqui, ainda, o ato cirúrgico e sexual desorganiza um corpo em seus limites, confundindo o exterior com o interior, reconduz o indivíduo a uma simples carne¹⁰, da mesma maneira que as formas verbais intransitivas apagam o corpo da vítima Rosalie. A histerectomia mortal executada sobre sua própria filha anula o processo do parto, e o detalhe do *caralho no ferimento* explora as designações tradicionais e populares do sexo feminino como *praga* ou *solução de continuidade*.¹¹ Tudo leva a crer que a focalização da violência sadiana no feminino tira suas influências dos fundos de angústias culturais ancestrais por esse corpo estranho, cujos sangramentos periódicos confundiam os limites entre saúde e doença, interno e externo. Daí o ódio inveterado dos mais rigorosos libertinos sadianos por esse sexo feminino que muitos tentam infibular, como na célebre última sequência da *Filosofia na alcova*.

Aos corpos femininos supliciados, danificados em sua fenda natural, Sade opõe um corpo masculino frequentemente superpoderoso, com medidas sexuais extraordinárias ou cujos limites físicos são por vezes ultrapassados no exercício da violência e da crueldade. Na *História de Juliette*, as diferenças que Clairwil assinala entre as flagelações passiva e ativa parecem ter uma dimensão de gênero. Se ela diz “receber” a flagelação tanto quanto dá – não há no mundo “volúpia maior para seres endurecidos como nós” (III, 431) –, a primeira virtude da fustigação passiva, explica ela, é “reanimar o vigor extinto pelos excessos da volúpia”. Trata-se claramente de provocar nas “pessoas exauridas pela luxúria” uma sorte de ereção artificial:

[...] o sentimento agudo de dor nas partes atingidas sutilha e precipita o sangue com mais abundância, atíça os espíritos fornecendo às partes da geração um calor excessivo, propicia enfim ao ser libidinoso, que procura o

¹⁰ Da mesma maneira, a referência alimentar está presente através do detalhe do *prato*.

¹¹ Ver particularmente “Le diable de Papefiguières” de La Fontaine.

prazer, o meio de consumir o ato da libertinagem, *a despeito da própria natureza*, e multiplicar seus prazeres impudicos *para além dos limites dessa natureza madrastra* (III, 430-431; *itálico nosso*).

Contra a lei fisiológica que deseja que, como resumiu Rousseau de forma genial, “o macho [seja] macho apenas em certos instantes”¹², o libertino sadiano pode ignorar a fadiga ou a impotência, elevando seu corpo à altura de seus desejos ou de seus caprichos. Noutra lição de Saint-Fond, são as capacidades de excitação nervosa e sexual que se encontram, dessa vez, amplificadas unicamente sob o efeito da transgressão, da

[...] ruptura de um certo freio; quanto mais os freios são destruídos, mais violenta será a excitação, e necessariamente assim, de gradação em gradação, só alcançaremos realmente o verdadeiro objetivo dessas espécies de prazeres conduzindo o desvario dos sentidos até os últimos limites das faculdades de nosso ser, de tal maneira que a excitação dos nossos nervos adquira um grau de violência tão prodigioso que eles sejam como que revirados, como que crispados em toda a sua extensão (III, 482).

A reunião paradoxal do encolhimento da críspação com a distensão da intensidade traduz ainda o trabalho efetuado pelo próprio libertino, nele mesmo, para ultrapassar os limites que a natureza e a sociedade haviam imposto aos seus próprios desejos.

Outro aspecto mais conhecido da extrapolação sadiana dos limites corporais, bem comentado por, entre outros, Roland Barthes e Marcel Hénaff, é a formação, durante as cenas de orgias, de grupos ou de cachos de corpos, arrançados pelo ordenador da cena de maneira a aumentar as possibilidades de conexões sexuais. Desses grupos com “movimentos convulsivos”, por vezes “compostos de vinte e uma pessoas” (II, 616), poderíamos dizer que formam, tal qual o enxame de abelhas descrito em seu delírio pelo D'Alembert do *Sonho*, “um longo cacho de pequenos animais alados, todos agarrados uns nos outros pelas patas”¹³, com a exceção de que eles não teriam asas e estariam agarrados uns nos outros por outra coisa que não as patas... Nos dois casos, “o todo se agitará, se moverá, mudará de situação e de forma”. Animais inéditos, esses corpos hipersexualizados possuem potencialidades intensificadas, apresentando, aqui, “dois cus de uma vez” (III, 977), lá, mulheres nas quais sexos de homens

¹² ROUSSEAU, *L'Émile*, Livro quinto, “Sophie ou la femme”. As considerações do filósofo sobre “a constituição dos sexos” que introduzem esse quinto livro são retomadas quase literalmente por vários médicos da época, como Moreau de la Sarthe (*Histoire naturelle de la femme*, I (2), p. 681).

¹³ DIDEROT, *Le Rêve de d'Alembert*, p. 85.

brotam como se fossem pequenos tentáculos: “tínhamos um caralho sob cada axila, um em cada mão, um entre os seios, um na boca, o sétimo na boceta e o oitavo no cu” (III, 618).

Último vetor de extrapolação dos limites do corpo, a imaginação, que permite não somente inventar cenas de suplício e de libertinagem inéditas – lembramos da célebre lição criminosa e literária detalhada por Juliette¹⁴ –, mas também fantasiar um além da realidade fisiológica. Tal é o sentido do elogio paradoxal que Belmor enuncia diante do corpo nu de Juliette:

Na verdade, Juliette, eu não sei se a realidade vale as quimeras e se os gozos com aquilo que não temos não valem cem vezes aqueles com o que possuímos: eis as suas nádegas, Juliette, elas estão sob meus olhos, eu as acho belas, mas minha imaginação, sempre mais brilhante que a natureza, e mais hábil, ousa dizer, cria nádegas ainda mais belas. E o prazer que essa ilusão me dá não é preferível àquele com o qual a verdade me faz gozar? O que a senhorita me oferece é belo, o que eu invento é sublime (III, 648).

Compreendemos melhor, à leitura dessas linhas, o culto que os surrealistas consagraram ao marquês de Sade, sob o preço de alguns rearranjos e silêncios¹⁵...

O que eu invento é sublime... A poética sadiana é marcada e animada por uma busca pelo inédito e pela superação. Ao encerramento do primeiro romance, *Os cento e vinte dias de Sodoma*, no qual está designado desde o início um fim ao excesso (600 paixões narradas durante quatro meses), opõe-se a abertura dos romances de maturidade, que Sade não cessou de recriar e aumentar. Multiplicação de personagens, de episódios, alongamento das cenas sexuais assim como das dissertações e, como tentamos lembrar aqui, sonho de abolição dos limites corporais. A poética sadiana poderia ser batizada de *sublimitada*.

SADE AND THE LIMITS OF THE BODY

Abstract: Sade's violent eroticism blurs in every reader the nature of what is desirable. It is part of a world of fantasy where the limits of the body are themselves blurred. Sade's massacres are not only an illustration of a materialistic monism contrary to any kind of spirituality: destruction leads to the creation of new bodies, explores new limits.

Keywords: limits of the body – soul – monism – materialism.

¹⁴ III, 751 e seguintes. Ver ABRAMOVICI, *Encre de sang. Sade écrivain*, p. 137-143.

¹⁵ Ver ABRAMOVICI, *Encre de sang...*, p. 145-152.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICI, Jean-Christophe. “Entre vision et fantasme : la réception des ‘curieux microscopes’ en France (1670-1800)”. In: JACQUES-CHAQUIN, Nicole et HOUDARD, Sophie (dir.). *Curiosité et Libido sciendi de la Renaissance aux Lumières*. Fontenay-aux-Roses: ENS Éditions, 1998, t. 2, p. 371-392.

_____. *Encre de sang. Sade écrivain*. Paris: Classiques Garnier, 2013.

CORDEMOY, Géraud de. *Le Discernement du corps et de l'âme en six discours*. Paris: Estienne Michallet, 1679.

DIDEROT, Denis. *Le Rêve de d'Alembert* (éd. Colas Dulo). Paris: GF-Flammarion, 2002.

HÉNAFF, Marcel. *Sade. L'invention du corps libertin*. Paris: P.U.F., 1978.

MOREAU DE LA SARTHE, Jacques-Louis. *Histoire naturelle de la femme*. Paris: L. Duprat / Letellier, 1803.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Émile ou de l'éducation* (éd. Bernard Gagnebin et Marcel Raymond). Paris: Éditions Gallimard, t. IV, 1969.

SADE, Donatien. *Oeuvres* (éd. Michel Delon). Paris: Éditions Gallimard, t. I, 1990; t. II, 1995; t. III, 1998